

## AS MOVIMENTAÇÕES EM TORNO DO CAMPO DA TEORIA CURRICULAR: RESUMO DE SUA EVOLUÇÃO E SEU ATUAL ESTADO

Rafael Marques França  
José Augusto Victoria Palma

Universidade Estadual de Londrina/Pr  
Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar/GEPEF

### RESUMO

As considerações presentes nesse texto foram delineadas a partir da pesquisa intitulada “Uma revisão sobre teorias de currículo e saberes docentes: percurso, principais discursos, questões e problemáticas”, realizada durante o curso de especialização Educação Física na Educação Básica, nos anos 2004/05. Desse modo, após introdução e aprofundamento dos temas que abarcaram o campo da educação e do currículo e que vieram compor o que chamamos de teorias tradicionais, críticas e pós-críticas de currículo, procurou-se desenvolver um diálogo *dos e entre os* estudiosos e envolvidos nesse campo de teorização e produção humana. Trata-se de uma síntese que procura verificar o percurso e o atual estado das movimentações em torno de tal campo e temática, considerando seus períodos de efervescência e mesmo de anunciada decadência de estudos e pesquisas, a espera de um novo paradigma que possibilite a ressignificação e contribuição desse campo para a teoria e prática educacionais e curriculares. Pode-se perceber, portanto, que tais discursos apoiaram-se, no sentido metodológico, em uma revisão de literatura a partir de dados ditos bibliográficos.

Palavras-chave: Teorização curricular; movimentações curriculares; produções curriculares.

Tomaz Tadeu da Silva, em entrevista a revista *Currículo sem Fronteiras* (2002), nos fala sobre o campo da teoria curricular atual, que, segundo ele, passa por uma fase de relativa estagnação. Momento caracterizado dessa maneira, a partir dos anos 90, devido, um dos fatores, há repetição pouco criativa de questões e perspectivas que, por falta de desafio e de crítica, acabaram por virar uma nova ortodoxia, sem energia e inventividade.

Passados dois períodos principais de uma longa produção intelectual criativa, inovadora e vigorosa, sobre o contexto educacional e curricular: (a) final dos anos 60, com os franceses traçando perspectivas educacionais de análise mais gerais e com os anglo-saxões propriamente envolvidos, de maneira mais direta, na área da teorização curricular (onde fazer teoria do currículo era sinônimo de fazer sociologia marxista do currículo), e (b) final dos anos 80 e começo dos anos 90, com a “revolução” combinada da influência dos Estudos Culturais, do pós-estruturalismo e do pós-modernismo; o quieto ou “temido” momento pode ser encarado, de acordo com Silva, como a consequência inevitável da consolidação de um novo paradigma, seguindo o raciocínio kuhniano.

Mais do que um período de relativa estagnação, o campo do currículo nos anos 90, para Barry Franklin (1999) apud Moreira (2001), pode ter mesmo deixado de existir. Franklin, em seu trabalho apresentado na reunião anual da AERA, Montreal/Canadá, intitulado “*Curriculum Studies: State of the art, 1990s*”, nos indica as razões de suas conclusões pessimistas e apressadas (como diria Moreira) sobre o estado da arte do campo do

currículo nos anos 90. Como professor de Currículo e Ensino em cinco universidades americanas, ele argumenta que os cursos de formação de professores oferecidos pelas universidades, tais como estão estabelecidos ou estruturados atualmente, dificilmente poderão constituir propostas integradas (pela dispersão encontrada no conjunto de disciplinas pelas quais os departamentos se responsabilizam, pelo razoável desinteresse à formação de professores, pelo desenvolvimento de pesquisas que pouco têm a ver com ensino ou formação docente) e, conseqüentemente, o currículo talvez não mais exista como um campo articulado e coerente de pesquisas e práticas.

É exatamente a este respeito à preocupação de Franklin bem como a de Moreira: a tendência existente, entre os teóricos desta área, de voltar-se para discussões abstratas em vez de procurar entender a realidade da escola e da sala de aula. Tomando-se como partida tal preocupação, Moreira realizou uma pesquisa com renomados pesquisadores brasileiros, de várias universidades do país, membros do Grupo de Trabalho de Currículo da ANPEd (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação), na tentativa de perceber como são hoje abordados, nos distintos espaços acadêmicos, os estudos de currículo. Duas considerações finais deste trabalho são interessantes e propícias para a nossa análise e discussão sobre o campo da teorização curricular: (a) a maioria dos especialistas considera que o campo do currículo no Brasil desfruta hoje de visibilidade e prestígio crescentes, tanto no incremento de nossa produção teórica como da influência estrangeira nessa produção, e (b) avança-se na produção de conhecimento teórico, porém, para a maioria dos entrevistados, isto acontece sem que a prática sofra modificações substantivas. Referem-se, portanto, os especialistas, neste segundo caso, às tensões envolvidas na relação teoria-prática curriculares – o que confirmam as preocupações de Franklin e Moreira.

Em relação à primeira constatação, é interessante observarmos a seguinte situação: enquanto Silva e Franklin, por um lado, declaram que o campo do currículo passa por um momento de estagnação, e até mesmo tenha deixado de existir (ou esteja explicitamente em um momento de crise); por outro lado, pesquisadores/especialistas brasileiros desta área de estudo ou investigação motivam-se com o incremento de nossa produção teórica e da influência estrangeira nessa produção, do prestígio e visibilidade crescentes da produção intelectual neste campo em particular (?). Pode ser que isto possa ser explicado por Silva, quando ele nos alerta para o fato de que os últimos doze anos têm se caracterizado como um período de repetição dos mesmos temas, conceitos e críticas da efervescência teórica do final dos anos 60 e 80.

No que se refere à segunda constatação que destacamos no trabalho de Moreira com os especialistas brasileiros do campo do currículo, nota-se claramente a existência de uma relação frágil entre a teoria e a prática curriculares. De fato, em Goodson (1995) encontramos considerável semelhança com a preocupação sobre a dicotomia existente entre teoria e prática. Porém, nesse particular, representado pela distinção entre “currículo como fato” e “currículo como prática” (conforme a classificação de Young/1977), ou ainda, definição pré-ativa de currículo/currículo escrito e fase interativa de currículo/currículo ativo, respectivamente. Esta dicotomia tem levado muitos reformistas a ignorarem as definições pré-ativas por as conceberem desconexas ao “currículo como prática”, considerando-as um legado [intelectual e político] do passado. Goodson, entretanto, apoiando-se em Young, argumenta contra estas concepções da dicotomia que priorizam um ou outro “lado da moeda” e a favor da legitimação da relação teoria-prática. Desse modo, ele nos chama a atenção para situarmos historicamente os problemas da educação contemporânea, e que somente dessa forma somos possibilitados de entendê-los e controlá-los. Isso quer dizer que devemos compreender os

parâmetros anteriores à prática, os conflitos e as lutas em torno da definição pré-ativa de currículo.

Para Moreira, as declarações um tanto dramáticas e pessimistas de Franklin sobre o campo curricular nos anos 90, que decretam a falência desta área de teorização [e prática] educacional, podem não ser prudentes, ou serem, ao contrário, um tanto apressadas. Sendo assim, ele argumenta que a História das Ciências, de modo particular, revela que os períodos de crise são férteis por abrirem novas possibilidades ao pensamento, permitindo o surgimento de alternativas teóricas e de novas práticas (apoiando-se em Marcondes, 1994). Corroboram-se, de certo modo, as colocações de Silva: pode ser que tal momento seja necessário para a inevitável consolidação de um novo paradigma.

Podem ser que as considerações de Silva, sobre novas teorias ou paradigmas que contribuam significativamente para o nosso pensamento e prática educacionais e curriculares, sejam cabíveis e passíveis de acontecerem. Isso porque, como um estudioso da educação e do currículo, ele deve ter claro que tais momentos de relativa estagnação já foram declarados na história e no campo do currículo por outros autores, e que foram superados, no caso a seguir, a partir das contribuições dos Estudos Culturais, dos *insights* pós-estruturalistas, das idéias e princípios pós-modernos.

O campo do currículo está moribundo. Ele está incapaz, por sua presente metodologia e princípios, de continuar seu trabalho e contribuir significativamente para os avanços da educação. Ele exige novos princípios... uma nova visão... de seus problemas... [e] novos métodos apropriados aos... problemas (SCHWAB, 1978, apud DOLL Jr, 1997, p. 177).

## Referências

DOLL Jr, W. E. Currículo: uma perspectiva pós-moderna. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GANDIN, L. A. et al. Mapeando a [complexa] produção teórica educacional – Entrevista com Tomaz Tadeu da Silva. Currículo sem fronteiras, v. 2, n. 1, pp. 5-14, jan/jun 2002. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org>>.

GOODSON, I. F. Currículo: teoria e história. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

MOREIRA, A. F. B. O campo do currículo no Brasil: os anos noventa. Currículo sem fronteiras, v. 1, n. 1, pp. 35-49, jan/jun 2001. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org>>.